

O FILHO

Jo Nesbø

Tradução do inglês
Maria Georgina Segurado



D. QUIXOTE

PARTE UM

Rover mantinha os olhos fixos no chão de betão pintado de branco na cela prisional com onze metros quadrados. Cravou o dente de ouro um pouco comprido de mais no maxilar inferior. Chegara à parte mais difícil da sua confissão. O único som na cela era o das suas unhas a coçarem a tatuagem da Virgem Maria no antebraço. Desde que Rover entrara, que o rapaz, sentado de pernas cruzadas em cima da cama, permanecia em silêncio diante dele. Limitara-se a inclinar a cabeça e a pôr o seu sorriso ditoso de Buda, o olhar fixo num ponto por cima da testa de Rover. Era conhecido por Sonny e diziam que matara duas pessoas na adolescência, que o pai fora um agente da Polícia corrupto e que as mãos dele tinham poderes curativos. Era difícil perceber se o rapaz escutava – os seus olhos verdes e a maior parte do rosto estavam escondidos por detrás do cabelo comprido emaranhado – no entanto, isso não importava. Rover só queria perdão para os seus pecados e que Sonny lhe desse a sua característica bênção para que, no dia seguinte, ele pudesse sair da Prisão Estatal de Segurança Máxima com a sensação de ser um homem verdadeiramente purificado. Não que Rover fosse religioso, porém isso não tinha importância, uma vez que tencionava mudar, fazer mesmo um esforço para se endireitar. Rover inspirou fundo.

– Creio que ela era da Bielorrússia. Minsk fica na Bielorrússia, não fica? – Rover ergueu rapidamente o olhar, mas o rapaz não

respondeu. – O Nestor pôs-lhe a alcunha de Minsk – disse Rover. – Ele mandou-me matá-la. – A vantagem óbvia de se confessar a alguém que tinha o cérebro tão intoxicado era o facto de ele não conseguir fixar nenhum nome ou ocorrência; era o mesmo que falar com os seus próprios botões. Só assim se compreendia o motivo pelo qual os reclusos na Estatal preferiam este tipo ao capelão ou ao psicólogo. – O Nestor mantinha-a a ela e a mais oito raparigas numa jaula lá em baixo no bairro de Enerhaugen. Europeias de Leste e asiáticas. Jovens. Adolescentes. Espero que estivessem pelo menos nessa faixa etária. Mas a Minsk era mais velha. Mais forte. Fugiu. Conseguiu chegar ao Parque Tøyen antes de o cão do Nestor a apanhar. Um daqueles *mastins argentinos*... sabes do que estou a falar?

Os olhos do rapaz nunca se moveram, no entanto levantou a mão. Encontrou a barba. Começou a cofiá-la lentamente com os dedos. A manga da sua camisa imunda recuou e pôs a descoberto crostas e marcas de agulhas. Rover prosseguiu.

– Uns malditos canzarrões albinos. Matam qualquer coisa que o dono lhes aponte. E, muitas vezes, ele nem sequer o faz. E é claro que estão proibidos na Noruega. Um tipo em Rælengen trouxe uns da República Checa, faz criação e regista-os como *boxers* brancos. Eu e o Nestor fomos lá comprar um quando era ainda um cachorro. Custou mais de cinquenta mil em dinheiro à vista. O cachorro era tão amoroso que ninguém imaginava que ... – Rover calou-se. Sabia que só estava a falar do cão para protelar o inevitável. – Adiante...

Adiante. Rover olhou para a tatuagem no seu outro antebraço. Uma catedral com duas flechas. Uma por cada pena que cumprira, nenhuma relacionada com a confissão daquele dia. Costumava fornecer armas a um grupo de motoqueiros e modificar algumas delas na sua oficina. Tinha jeito para a coisa. Demasiado jeito. Tanto, que acabou por dar nas vistas e ser apanhado. E era tão talentoso que, enquanto cumprira a sua primeira pena, Nestor resolvera pô-lo sob a sua asa. E certificara-se de que o tinha de tal forma na mão, que a partir daí só Nestor punha as mãos nas melhores armas, e não o

gangue dos motoqueiros ou quaisquer outros rivais. Ele pagara-lhe mais por uns meses de trabalho do que alguma vez Rover poderia ter esperança de ganhar, nem que levasse a vida inteira a reparar motorizadas na sua oficina. Só que Nestor exigira muito em troca. Demasiado.

– Ela estava caída nos arbustos, havia sangue por todo o lado. E ali estava ela, imóvel, a olhar para nós. O cão arrancara-lhe um bocado da cara; era possível verem-se-lhe os dentes. – Rover esboçou um esgar. Vai mas é direto ao assunto. – O Nestor disse que estava na hora de lhes dar uma lição, mostrar às outras raparigas o que podia acontecer-lhes. E que agora a Minsk não lhe servia para nada, tendo em conta o estado da cara dela... – Rover engoliu em seco. – Então, ele mandou-me fazê-lo. Acabar com ela. Só assim eu conseguiria provar a minha lealdade, percebes. Ele tinha uma velha pistola *Ruger MK II* em que eu fizera algumas modificações. E eu ia fazê-lo. A sério que ia. Não era esse o problema...

Rover sentiu um nó na garganta. Pensara muitas vezes naquilo, revivera todos os segundos daquela noite no Parque Tøyen, vendo sucessivamente a rapariga. Nestor e ele próprio a desempenharem os papéis principais e os outros como testemunhas silenciosas. Nem o cão fizera barulho. Pensara nisso talvez uma centena de vezes. Um milhar? E, no entanto, só agora, altura em que proferira as palavras em voz alta pela primeira vez, se consciencializara de que não fora um sonho, de que aquilo acontecera *mesmo*. Ou melhor, foi como se o seu corpo o tivesse aceitado apenas naquele momento. E era por isso que o estômago se lhe embrulhava. Rover respirou fundo pelo nariz para reprimir a náusea.

– Mas não fui capaz de o fazer. Embora soubesse que ela ia morrer. Eles tinham o cão a postos e eu estava a pensar que, se fosse comigo, preferiria uma bala. Mas foi como se o gatilho estivesse encravado na posição. Não fui capaz de o puxar.

O jovem parecia ir anuindo tenuemente. Tanto podia ser em resposta ao que Rover lhe contava como à música que só ele conseguia ouvir.

– O Nestor disse que não tínhamos o dia todo, afinal estávamos num parque público. Então, ele retirou uma pequena faca curva de uma bainha na perna, avançou, agarrou-a pelos cabelos, levantou-a e começou a brandir a faca na garganta dela. Como se tirasse as tripas a um peixe. O sangue esguichou três, quatro vezes, e depois ela ficou vazia. Mas sabes do que me recordo principalmente? Do cão. Da forma como ele começou a uivar ao ver todo aquele sangue.

Rover debruçou-se na cadeira com os cotovelos apoiados nos joelhos. Tapou os ouvidos com as mãos e baloiçou-se para trás e para a frente.

– E eu não fiz nada. Fiquei simplesmente ali, a olhar. Sem fazer porra nenhuma. Enquanto eles a embrulhavam num cobertor e a transportavam para o carro, limitei-me a assistir. Levámo-la para a mata, para Østmarksetra. Levantei-a e atirei-a pela ribanceira em direção a Ulsrudvannet. Há muita gente que leva os cães a passear para aquela zona, por isso ela foi encontrada no dia seguinte. A questão era que o Nestor queria que a encontrassem, topas? Ele queria fotografias nos jornais sobre o que lhe tinha acontecido. Para poder mostrá-las às outras raparigas.

Rover destapou os ouvidos.

– Deixei de dormir; sempre que fechava os olhos tinha pesadelos. A rapariga sem cara sorria-me e mostrava os dentes todos. Então, fui ter com o Nestor e disse-lhe que queria sair. Disse-lhe que estava farto de limar *Uzis* e *Glocks*, que queria voltar a conser-tar motorizadas. Viver uma vida tranquila, sem ter de me preocupar constantemente com a Polícia. O Nestor respondeu que estava bem, provavelmente pensava que eu nunca viria a ser um tipo de fibra. No entanto, deixou bem claro o que me aconteceria se eu abrisse a boca. Pensei que estivesse tudo resolvido. Recusei todos os trabalhos que me ofereceram, embora eu ainda tivesse por aí algumas *Uzis*. Mas não me saía da cabeça que eles estavam a tramar alguma. Que iam limpar-me o sebo. Por isso, foi um alívio para mim quando os polícias vieram buscar-me. Julgava que me ia sentir mais seguro na prisão. Apanharam-me por um caso antigo: eu fora apenas

cúmplice, mas tinham detido dois tipos que afirmaram que eu lhes fornecera armas. Confessei logo tudo.

Rover riu-se a bom rir. Começou a tossir. Recostou-se na cadeira.

– Daqui a doze horas saio daqui. Não faço a mínima ideia do que me espera lá fora. Mas tenho consciência de que o Nestor sabe que vou sair, apesar de estarem a libertar-me quatro semanas mais cedo. Ele sabe tudo o que se passa aqui dentro e na Polícia, tenho a certeza. Ele tem olhos e ouvidos em todo o lado. Por isso, a minha ideia é que se ele me queria morto, podia perfeitamente ter-me matado aqui dentro em vez de esperar que eu saísse. O que pensas disto?

Rover aguardou. Silêncio. O rapaz não tinha ar de pensar fosse o que fosse.

– Aconteça o que acontecer – disse Rover –, uma pequena bênção não faz mal, pois não?

Foi como se uma luz se acendesse nos olhos de Sonny ante a palavra «bênção» e ele levantou a mão para indicar que Rover devia aproximar-se e ajoelhar-se. Rover prostrou-se no tapete de oração diante da cama. Franck não deixava nenhum dos outros reclusos ter tapetes no chão das celas – fazia parte do modelo suíço que usavam na Estatal: nada de artigos supérfluos nas celas. O número de objetos pessoais estava limitado a vinte. Se se queria um par de sapatos, era necessário abrir mão de dois pares de cuecas ou de dois livros. Rover olhou para o rosto de Sonny. O rapaz passou a ponta da língua pelos lábios secos e escamosos para os humedecer. A sua voz era surpreendentemente clara, embora as palavras brotassem lentamente; contudo a sua dicção era perfeita.

– Que todos os deuses terrenos e celestiais tenham misericórdia de ti e perdoem os teus pecados. Morrerás, mas a alma do pecador penitente será conduzida ao Paraíso. Amén.

Rover baixou a cabeça. Sentiu as mãos do rapaz na sua cabeça rapada. Sonny era canhoto. Porém, neste caso, não era preciso ser-se um génio para perceber que a sua esperança de vida era mais curta do que a da maior parte das pessoas destras. A *overdose* poderia acontecer amanhã ou dali a dez anos – quem poderia saber? No entanto,

não passava pela cabeça de Rover que a mão do rapaz tivesse poderes curativos, como diziam as pessoas. Tão-pouco acreditou realmente nesta cena da bênção. Assim sendo, porque estava ali? Bem, a religião era como um seguro de incêndio; nunca se considerava que viesse a ser realmente necessário, por isso, quando as pessoas diziam que o rapaz estava preparado para assumir os pecados dos outros e que não queria nada em troca, porque não conseguir alguma paz de espírito? O que intrigava Rover era que alguém como Sonny pudesse ter matado a sangue-frio. Não fazia qualquer sentido para ele. Talvez fosse como o velho ditado: o Diabo tem muitas caras.

– *Salaam alaikum*¹ – disse a voz, e a mão ergueu-se.

Rover permaneceu imóvel e cabisbaixo. Passou a língua pela superfície posterior, macia, do dente de ouro. Sentia-se preparado naquele momento? Preparado para ir encontrar-se com o Criador, se fosse esse o seu destino? Levantou a cabeça.

– Sei que nunca pediste nada em troca, mas...

Olhou para o pé descalço do rapaz que ele recolhera debaixo de si. Viu as marcas de agulha na veia grande no peito do pé.

– Cumpra a última parte da minha pena na Botsen e lá era fácil arranjar drogas, na boa. Só que a Botsen não é uma prisão de alta segurança. Dizem que o Franck fez tudo para impedir o contrabando seja do que for na Estatal, mas... – Rover introduziu a mão no bolso – ...isso não é completamente verdade.

Tirou algo de lá. Era do tamanho de um telemóvel, um objeto dourado em forma de pistola. Rover premiu o gatilho. Irrompeu uma pequena chama da boca.

– Já viste uma destas antes? Claro, aposto que viste. Os agentes que me revistaram quando aqui cheguei viram de certeza. Disseram-me que, se eu estivesse interessado, vendiam cigarros de contrabando baratos. Então, deixaram-me ficar com o isqueiro. Calculo que não tenham lido o meu cadastro. Hoje em dia, ninguém

¹ Forma de cumprimento usada pelos muçulmanos que professam a fé islâmica: que a paz esteja contigo. (*N. da T.*)

se preocupa em desempenhar bem o seu trabalho, até admira que se consiga fazer algo de jeito neste país.

Rover tomou o peso ao isqueiro na sua mão.

– Há oito anos fabriquei duas destas. Não é para me gabar, mas garanto-te que ninguém na Noruega conseguia fazer um trabalho melhor. Fui contactado por um intermediário que me falou de um cliente que queria uma arma que nunca precisasse de esconder, uma arma que não parecesse uma arma. Então, criei isto. É curioso como a mente das pessoas funciona. Como é óbvio, primeiro pensam que é uma arma. Mas assim que lhes mostras que é usada como isqueiro, esquecem-se por completo de que pode ser uma arma. Também pensam que pode ser uma escova de dentes ou uma chave de fendas. Mas uma arma, nem pensar. Portanto... – Rover rodou um parafuso na parte inferior do punho. – Leva duas balas de nove milímetros. Chamo-lhe a Assassina do Casal Feliz. – Apontou o cano ao jovem. – Uma para ti, querido... – Depois, apontou-a à sua própria têmpora. – E uma para mim...

A gargalhada de Rover soou estranhamente solitária na pequena cela.

– Adiante. Eu só devia ter fabricado uma; o cliente não queria que mais ninguém soubesse o segredo da minha pequena invenção. Mas eu fabriquei outra. E trouxe-a comigo para proteção, não fosse o Nestor resolver tentar matar-me enquanto eu estava dentro. No entanto, como vou sair amanhã e já não preciso dela, passa a ser tua. E aqui...

Rover retirou um maço de cigarros do outro bolso.

– Porque vai parecer estranho teres um isqueiro, mas não cigarros, certo?

De seguida, retirou um cartão de visita amarelo que dizia «Oficina de Motorizadas Rover» e introduziu-o no maço de tabaco.

– Aqui tens a minha morada, caso venhas a ter uma motorizada que precise de arranjo. Ou caso queiras comprar o raio de uma *Uzi*. Como disse, ainda tenho algumas por aí...

A porta abriu-se para fora e uma voz troou:

– Pira-te, Rover!

Rover virou-se. As calças do guarda prisional à porta estavam descaídas devido ao enorme molho de chaves que lhe pendia do cinto, apesar de estar parcialmente encoberto pela barriga, que transbordava como massa a levedar.

– Sua Santidade tem uma visita. Um familiar chegado, poder-se-ia dizer. – Deu umas gargalhadas ruidosas e virou-se para o homem atrás de si. – Sem ofensa, hã, Per?

Rover guardou a arma e o maço de cigarros debaixo do edredão na cama do rapaz e lançou-lhe um último olhar.

Depois retirou-se rapidamente.

O capelão do estabelecimento prisional esboçou um sorriso enquanto endireitava de forma automática o cabeção que lhe assentava mal. *Um familiar chegado. Sem ofensa.* A sua vontade foi cuspir no rosto gordo e sorridente do guarda prisional, porém, cumprimentou com um aceno de cabeça o recluso que saía da cela, fingindo reconhecê-lo. Olhou para as tatuagens que tinha nos antebraços. A Virgem Maria e uma catedral. Mas não, com o passar dos anos, as tatuagens e os rostos tinham-se tornado demasiado numerosos para os conseguir distinguir.

O capelão entrou. Sentiu o cheiro a incenso. Ou algo que lhe fez lembrar o incenso. Como drogas a serem cozinhadas.

– Olá, Sonny.

O jovem em cima da cama não ergueu a cabeça, mas anuiu lentamente. Per Vollan calculou que ele quisesse dizer que a sua presença fora registada, reconhecida. Aprovada.

Sentou-se na cadeira e experimentou um ligeiro desconforto quando sentiu o calor do seu anterior ocupante. Colocou a Bíblia que trouxera consigo em cima da cama, ao lado do rapaz.

– Hoje fui pôr flores na campa dos teus pais – disse-lhe. – Sei que não me pediste que o fizesse, mas...

Per Vollan tentou captar o olhar do rapaz. Ele próprio tinha dois filhos; eram ambos crescidos e já tinham abandonado o lar da

família Vollan. Tal como ele próprio fizera. A diferença era que os seus filhos seriam sempre bem-vindos.

No tribunal, um professor, testemunha de defesa, declarara que Sonny fora um excelente aluno, um talentoso praticante de luta livre, popular, sempre pronto a ajudar; na realidade, o rapaz até manifestara o desejo de vir a ser agente da Polícia, tal como o seu pai. No entanto, desde que este fora encontrado morto com um bilhete de suicídio ao lado no qual confessava ter sido corrupto, Sonny não voltara a aparecer na escola. O capelão tentara imaginar a vergonha que o rapaz de quinze anos sentira. Tentara imaginar a vergonha dos seus próprios filhos se viessem a descobrir o que o pai deles fizera. Ajeitou novamente o cabeção.

– Obrigado – disse Sonny.

Per reparou que Sonny tinha um ar estranhamente jovem. Porque, nesta altura, ele devia andar perto dos trinta anos. Sonny cumprira pena durante doze anos e tinha dezoito quando fora enviado para ali. Talvez as drogas o tivessem conservado, impedindo-o de envelhecer, pelo que só o cabelo e a barba cresciam enquanto os seus olhos inocentes de bebé continuavam a observar, maravilhados, o mundo. Um mundo malvado. Deus sabe como era mau. Per Vollan era capelão do presídio há mais de quarenta anos e vira o mundo tornar-se cada vez mais pecaminoso. O mal espalhava-se como um cancro, deixava as células saudáveis doentes, envenenava-as com a sua mordedura de vampiro e recrutava-as para fazerem o seu trabalho de corrupção. E, uma vez mordido, ninguém conseguia escapar. Ninguém.

– Como estás, Sonny? Gostaste do teu dia de saída precária? Chegaste a ir ver o mar?

Silêncio.

Per Vollan pigarreou.

– O guarda prisional contou-me que foste ver o mar. Provavelmente, leste nos jornais que no dia seguinte encontraram uma mulher morta, não muito longe do local onde estiveste. Foi encontrada na cama, em sua casa. A cabeça dela tinha sido...

bem. Estão aqui todos os pormenores... – Bateu com o dedo na Bíblia. – O agente já elaborou um relatório a dizer que fugiste quando estiveste a ver o mar e que ele te encontrou junto à estrada uma hora depois. Que te recusaste a explicar o teu paradeiro. É importante que não menciones nada que contradiga o depoimento dele, entendes? Como sempre, dirás o mínimo possível. Está bem? Sonny?

Per Vollan conseguira finalmente estabelecer contacto visual com o rapaz. A expressão dele pouco ou nada lhe disse sobre o que lhe ia na cabeça, contudo teve quase a certeza de que Sonny Lofthus cumpriria ordens e não diria nada de desnecessário à Polícia ou ao delegado do Ministério Público. Ele só tinha de articular um quase impercetível «Culpado» quando lhe perguntassem como se declarava. Embora se afigurasse paradoxal, esporadicamente, Vollan detetava um rumo, uma força de vontade, um instinto de sobrevivência que distinguiam este toxicodependente dos outros, daqueles que estiveram sempre em queda livre, que nunca tiveram outras ambições a não ser encaminharem-se inexoravelmente para a sarjeta. Esta força de vontade podia exprimir-se através de um súbito lampejo de discernimento, uma pergunta que revelava que estivera sempre a prestar atenção e que vira e ouvira tudo. Ou da forma como se levantava de repente, com uma coordenação, um equilíbrio e uma flexibilidade que não se vislumbravam nos outros habituais consumidores de drogas. Ao passo que, noutras ocasiões, como a presente, ele parecia não registar nada de nada.

Vollan contorceu-se na cadeira.

– Claro que isto significa que não poderás pôr o pé na rua durante uns tempos. Mas tu também não gostas de sair, pois não? E sempre conseguiste ir ver o mar.

– Era um rio. Foi o marido que a matou?

O capelão sobressaltou-se. Como quando algo irrompe inesperadamente da água negra mesmo à nossa frente.

– Não sei. Isso é importante?

Nenhuma resposta.

Vollan suspirou. Voltou a sentir a náusea. Recentemente, ela parecia chegar e partir. Talvez devesse marcar uma consulta para saber do que se tratava.

– Não te preocupes com isso, Sonny. Lembra-te apenas de que, lá fora, as pessoas como tu têm de andar o dia inteiro a escarafunchar para conseguirem a próxima dose. Ao passo que, aqui dentro, está tudo tratado. Assim que acabares de cumprir as penas antigas, deixas de ter utilidade para eles, no entanto, com este homicídio, podes prolongar a tua detenção.

– Nesse caso foi o marido. Ele é rico?

Vollan apontou para a Bíblia.

– Encontrarás aqui uma descrição da casa em que entraste. É grande e está bem mobilada. Mas o alarme que devia proteger toda esta riqueza não estava ligado; a porta da rua nem sequer estava trancada. O apelido da família é Morsand. O armador da pala no olho. Viste-o nos jornais, não viste?

– Vi.

– Ah, viste? Não pensei que tu...

– Sim, eu matei-a. Sim, vou ler a descrição da forma como o fiz. Per Vollan expirou.

– Muito bem. Há pormenores sobre a maneira como ela foi morta que devias memorizar.

– Claro.

– Ela foi... a parte de cima da cabeça foi cortada. Tu usaste uma serra. Compreendes?

As palavras foram seguidas de um longo silêncio que Per Vollan se sentiu tentado a preencher vomitando. Sempre era preferível a explorar o rapaz. Olhou para ele. O que determinava o desfecho de uma vida? Uma série de acontecimentos aleatórios sobre os quais não se tinha qualquer controlo, ou existia alguma força gravitacional que atraía tudo na direção para onde se estava predestinado a ir? Aliviou o desconforto provocado pelo cabeção, reprimiu a náusea e preparou-se. Recordou-se do que estava em jogo.

Levantou-se.

– Se precisares de entrar em contacto comigo, neste momento estou instalado no Centro Ila, na Alexander Kiellands Plass.

Reparou no ar perplexo do rapaz.

– É apenas temporário, entendes. – Soltou rapidamente uma gargalhada. – A minha mulher pôs-me fora de casa e, como conheço as pessoas que dirigem o centro, elas...

Calou-se bruscamente. De repente, apercebeu-se do motivo pelo qual muitos reclusos vinham falar com o jovem. Era o silêncio. A atração pelo vazio de alguém que se limita a ouvir sem reagir nem julgar. Que extrai de nós as palavras e os segredos sem fazer nada para tal. Toda a sua vida de capelão procurara essa capacidade, mas era como se os reclusos sentissem que ele tinha segundas intenções. Não sabiam quais eram, apenas que havia algo que ele pretendia através do conhecimento dos seus segredos. Acesso às suas almas e talvez, mais tarde, um eventual prémio de recrutamento no céu.

O capelão viu que o rapaz abrira a Bíblia. Era um truque muito simples, quase chegava a ser cómico; as páginas cortadas formavam um compartimento. Lá dentro encontravam-se papéis dobrados com as informações de que Sonny necessitava para poder confessar. E três saquinhos com heroína.

Arild Franck gritou um breve «Entre!», sem levantar os olhos do documento que estava a ler.

Ouviu a porta abrir-se. Ina, a sua secretária na área operacional, anunciara já a visita e, por uma fração de segundo, Arild Franck considerou pedir-lhe que dissesse ao capelão que estava ocupado. Não era propriamente mentira; tinha uma reunião com o comissário no Politihuset, o Comando da Polícia de Oslo, dentro de uma hora. Ultimamente, porém, Per Vollan não se revelava tão estável quanto necessitavam que estivesse e não era demais voltar a confirmar que ele ainda estava em condições de trabalhar. Não havia margem para deslizos neste caso, nem em qualquer um dos outros.

– Não vale a pena sentar-se – disse Arild Franck, assinando o documento e levantando-se. – Vamos conversando enquanto caminhamos.

Avançou para a porta, pegou no boné do uniforme pendurado no bengaleiro e ouviu os passos arrastados do capelão atrás de si. Arild Franck disse a Ina que estaria de volta dentro de uma hora e meia e encostou o dedo indicador ao sensor na porta das escadas. A prisão ocupava dois pisos e não havia elevador. Os elevadores significavam caixas que, por sua vez, significavam um sem-número de vias de fuga que era necessário bloquear em caso de incêndio. E, nessa eventualidade, com o subseqüente caos da evacuação,

era apenas um dos muitos recursos que os reclusos engenhosos usavam para se evadir das prisões. Pela mesma razão, todas as caixas de fusíveis, canalizações e cabos elétricos eram instalados de modo a serem inacessíveis aos reclusos, quer no exterior do próprio edifício quer nas paredes interiores. Ali, nada fora deixado ao acaso. *Ele* não deixara nada ao acaso. Reunira-se com os arquitetos e peritos internacionais em prisões, na altura de traçar a planta da Estatal. Na realidade, a Prisão de Lentzburg, no cantão de Aargau, na Suíça, fora a fonte de inspiração: hipermoderna, mas simples e, sobretudo, projetada com a preocupação da segurança e da eficiência e não tanto do conforto. Contudo, era ele, Arild Franck, o responsável pela sua criação. A Estatal era Arild Franck e vice-versa. Nesse caso, por que motivo a administração, na sua infinita sabedoria – que fossem todos para o inferno – o escolhera apenas para subdiretor prisional e nomeara aquele idiota do Estabelecimento Prisional de Haldern para o cargo de diretor? Sim, Franck era como um diamante em bruto, e não, não era o tipo de pessoa capaz de bajular os políticos dando pulos de satisfação sempre que surgia uma nova ideia brilhante para reformar o estabelecimento prisional quando era ainda necessário implementar as reformas anteriores. No entanto, sabia fazer o seu trabalho – manter as pessoas trancadas sem que adoecessem, morressem ou se tornassem manifestamente piores seres humanos em consequência disso. Era leal àqueles que mereciam a sua lealdade e olhava pelos seus. Já não se podia dizer o mesmo dos seus superiores nesta hierarquia completamente podre e com motivações políticas. Antes de ser deliberadamente afastado da candidatura ao cargo de diretor, Arild Franck acalentara a esperança de ter um pequeno busto no átrio, como memorial, quando se reformasse – embora a sua mulher tivesse sugerido que o seu pescoço de touro, a sua cara de *buldogue* e a careca coberta com o cabelo dos lados não combinavam com um busto. Porém, era da opinião que se as pessoas não queriam homenagear a sua obra, o melhor que tinha a fazer era olhar pelos seus interesses.

– Não posso continuar a fazer isto, Arild – disse Per Vollan atrás dele, enquanto avançavam pelo corredor.

– Fazer o quê?

– Sou capelão. Aquilo que estão a fazer ao rapaz: obrigá-lo a arcar com as culpas de algo que não fez. A cumprir pena por um marido que...

– Caluda.

Uma vez transposta a porta da sala de controlo, ou a *ponte*, como Franck gostava de lhe chamar, passaram por um velho que parou de lavar o chão e cumprimentou amigavelmente Franck baixando a cabeça. Johannes era o homem mais velho na prisão e um recluso com o qual Franck se identificava, uma alma delicada que, a dada altura no século anterior, fora detida – quase por acaso – por contrabando de droga. Nunca fizera mal a uma mosca e, ao longo dos anos, tornara-se tão institucionalizado, condicionado e apaziguado que a única coisa que receava era o dia em que seria libertado. Infelizmente, reclusos como ele não constituíam um desafio para uma prisão como a Estatal.

– Está com problemas de consciência, Vollan?

– Estou, sim, Arild.

Franck não conseguia lembrar-se ao certo da altura em que os funcionários tinham começado a tratar os superiores pelos nomes próprios, nem de quando os diretores prisionais tinham começado a usar roupas à paisana em vez de uniformes. Em algumas prisões, os guardas também se vestiam à civil. Durante um motim no Estabelecimento Prisional Francisco de Mar, em São Paulo, os agentes tinham atingido os próprios colegas com gás lacrimogéneo por não conseguirem distinguir os funcionários dos reclusos.

– Quero sair – implorou o capelão.

– Parece-lhe correto? – Franck descia as escadas a correr. Estava em boa forma para um homem a quem faltavam menos de dez anos para a reforma, porque fazia exercício físico. Uma virtude esquecida numa atividade onde a obesidade era a regra e não a exceção. E não fora ele quem treinara a equipa local de natação na altura em

que a filha entrava em competições? Não dera o seu contributo à comunidade nos tempos livres, retribuindo algo a este país que dera imenso a tanta gente? Assim sendo, como ousavam ignorá-lo? – E o que diz a sua consciência no que toca àqueles rapazinhos de quem abusou, e de que nós temos provas, Vollan? – Franck encostou o dedo indicador ao sensor na porta seguinte; esta conduziu-os a um corredor que, seguindo para oeste levava às celas, e para leste aos vestiários do pessoal e à saída para o parque de estacionamento.

– Sugiro-lhe que encare isto tal como o Sonny Lofthus, como a expiação dos seus pecados, Vollan.

Outra porta, outro sensor. Franck encostou lá o dedo. Adorava aquela invenção que copiara da Prisão de Obihiro, em Kushiro, no Japão. Em vez de mandarem fazer chaves que podiam perder-se, ser copiadas ou usadas indevidamente, as impressões digitais de todos aqueles que estavam autorizados a transpor as portas eram registadas numa base de dados. Não só tinham eliminado o risco de manipulação negligente das chaves como mantinham também um registo de quem transpunha cada porta e quando. Como é evidente, haviam sido instaladas câmaras de vigilância, mas era possível ocultar os rostos. Já o mesmo não se podia dizer das impressões digitais. A porta abriu-se com um suspiro e eles entraram numa câmara, um pequeno espaço com grades de metal em cada extremidade, sendo que a porta tinha de estar fechada antes de a outra se abrir.

– Estou a dizer que não consigo continuar a fazer isto, Arild.

Franck levou um dedo aos lábios. Para além das câmaras de segurança que cobriam praticamente toda a prisão, aquelas tinham sido equipadas com um sistema de comunicação nos dois sentidos, pelo que era possível contactar a sala de controlo se, por algum motivo, alguém ficasse preso. Abandonaram a câmara e prosseguiram em direção aos vestiários, onde existiam duches e um cacifo para roupa e objetos de uso pessoal de cada trabalhador. O facto de o subdiretor prisional possuir uma chave-mestra que abria todas as câmaras era algo que Franck decidira que o seu pessoal não tinha necessidade de saber. Muito pelo contrário, na verdade.